

MARISA CRANE

"Alguns livros têm o poder de despertar você, sacudir tudo que é antigo e empurrar para algo novo, emocionante e um pouco assustador. Este é um deles."

BOOKPAGE

EU
GUARDO
MEU
EXOESQUELETO
DENTRO
DE MIM

MARISA CRANE

**EU
GUARDO
MEU
EXOESQUELETO
DENTRO
DE MIM**

Copyright © Marisa Crane, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Val Ivonica, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *I Keep My Exoskeletons to Myself*

Preparação: Caroline Silva
Revisão: Luana Negraes e Laura Folgueira
Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao
Capa: Renata Spolidoro
Imagem de capa: Rawpixel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Crane, Marisa

Eu guardo meu exoesqueleto dentro de mim / Marisa Crane ; tradução de Val Ivonica. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
288 p.

ISBN 978-85-422-4020-7

Título original: *I Keep My Exoskeletons to Myself*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Ivonica, Val

25-5573

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO AMPLIFICADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A nenê nasceu com duas sombras. E é claro que eu fui direto ao escritório do Departamento de Equilíbrio contestar a decisão. Não é certo dar uma segunda sombra para uma nenê. Ela não te matou de propósito, Beau. Ela é recém-nascida, porra, uma batata mais sofisticada e olhe lá. E é exatamente isso que digo para o recepcionista com as botas apoiadas em cima da mesa. Ele é alto, esbelto, mas tem o rosto meio pelancudo.

— E o pai? — pergunta ele.

— Eu sou a outra mãe dela — respondo, tentando estabilizar minha pulsação. Sempre odeio esse momento de vulnerabilidade, de ao mesmo tempo esperar e antecipar uma reação.

— Ah, entendi. — Ele pigarreia, depois desce as botas e apoia os cotovelos na mesa. — Sinto muito, senhora, mas nesse tipo de morte a atribuição de sombras é automática.

— Como assim? — pergunto, sabendo exatamente o que ele quer dizer.

Os lábios dele se abrem em algo parecido com um sorriso, como se me desafiasse a contestar mais.

— É porque eu tenho uma? Porque isso não é culpa dela... — argumento, meu rosto esquentando.

— Não, senhora. É o procedimento-padrão.

— Não é verdade. E você sabe muito bem, caralho! — exclamo, mas me controlo antes de acusar o Departamento de fazer jus à reputação.

Todo mundo sabe que são homofóbicos, racistas, transfóbicos, capacitistas, xenófobos, machistas, a lista inteira de *fóbicos e istas*, mas eles prefeririam tirar minha sombra extra a admitir isso.

Ainda assim, punir uma recém-nascida parece exagero. Mas talvez eu esteja dando crédito demais ao Departamento.

— Desculpe, eu não faço as regras, mas faço pessoas decididas a quebrá-las desejarem não ter feito isso — diz o recepcionista.

Eu sou viúva — que palavra mais deprimente e solitária — há apenas uma hora. Não quero perder a nossa nenê também. Mas o que eu quero não importa para o meu temperamento, que sinto se acumular

e acumular até enfim transbordar em lágrimas quentes pelo meu rosto. Sempre foi assim: raiva e tristeza são forças gêmeas dentro de mim.

Olho para a nenê com cara de joelho, esperando encontrar uma bebê dormindo pesado, mas não, ela está bem acordada, os olhos grandes e inchados cheios de perguntas, a mão azul-acinzentada como a de um alienígena pressionada contra a bochecha.

— Ah, qual é — digo, entre fungadas. — Por favor, não faça isso com ela.

Ele franze as sobrancelhas em uma dolorosa demonstração de empatia. Teria sido mais gentil se me desse um murro na cara.

— Você só pode estar de brincadeira, porra — exclamo.

— Não brincamos muito por aqui. Pelo menos não até o happy hour. — Ele ri ao dizer isso, e o imagino com os caras numa mesa alta, derramando bebida uns nos outros e contando as histórias do dia. A nenê e eu não valemos mais que uma barata esmagada na sola do sapato dele.

— Vai se foder — xingo.

Vejo-o apertar e soltar a mandíbula, talvez decidindo o que fazer em seguida. Não consigo ver, mas posso sentir o segurança se aproximando de mim, os movimentos silenciosos e fluidos como os de um bom caçador. Ajeito a nenê no colo. Prendo a respiração.

— Leve ela daqui — o recepcionista ordena. — Essa Sombração não vale o meu tempo.

O segurança me agarra pelo braço e me acompanha até a porta, me soltando de volta ao mundo com um leve empurrão.

Quando confronto a cadeirinha no carro, percebo que você tinha ficado encarregada de aprender a usá-la. Demoro vinte minutos para encaixar todas as partes da nenê no lugar certo. Menos a segunda sombra; ela tem uma liberdade presunçosa que me dá nos nervos. Juro que a vi cumprimentar a minha.

Você não está esperando quando chegamos em casa. Não está deitada na cama lendo. Não está fazendo cafuné no focinho da Traquinas.

Não está olhando a correspondência, procurando promoções nos folhetos. Não está fazendo um café da tarde, mesmo sabendo que não deveria. De repente, todo esse espaço desocupado. Quero ficar desmaiada de tão bêbada por meses a fio. É, é isso que eu quero. Quero chafurdar na minha imundície e gostar da sensação.

— E o que aprendemos hoje? — pergunto à criança chorosa, passando uma esponja úmida por seu corpinho de nenê. Do outro lado da pia, estão os pratos sujos. A Traquinas se inclina para lamber a manteiga endurecida em um prato, e eu a afasto.

— Isso mesmo — falo. — Aprendemos que eu sou a segunda pessoa mais bem-comportada deste cômodo.

Aguardo uma reação, mas a nenê não parece nem um pouco impressionada. Quero ser alguém que impressiona as pessoas, mesmo que sejam pessoinhas indefesas. Cadê aquele interruptor, aquele para desligar um desejo tão humilhante?

Uma dúzia (ou mais) de drinques sem dúvida resolveriam o problema, mas não posso encher a cara como gostaria. Tenho que manter uma nenê viva. Mas como? Um terapeuta poderia diagnosticar que meu transtorno de pânico tem transtorno de pânico. Quando decidimos começar a tentar, eu disse coisas como: “Não consigo nem lavar uma taça de vinho sem quebrar... e se eu quebrar a nossa nenê?”. Você me puxou para junto de si e me garantiu que nenês tinham ossos de borracha. Imaginei uma nenê minúscula com um esqueleto feito de borrachas cor-de-rosa, daquelas de apagar. Imaginei ninar nossa nenê, meus medos borrados e ilegíveis. *Me ajude a conseguir, me ajude a conseguir*, pensei.

.

“Eu sabia que você não era prática, mas não sabia que era tanto assim”, você disse um dia, tirando um limão inteiro do nosso triturador de lixo. Eu tinha ouvido coisas boas sobre o potencial de

limpeza dos cítricos. Isso foi antes de o Departamento me enfiar outra sombra. Discutíamos com tanta frequência que chegamos a achar que tínhamos errado em nos casarmos por amor, quando medo e solidão também eram vínculos possíveis.

Só para constar, você não tinha nada que entrar na minha vida só para dar meia-volta e ir embora. No nosso primeiro encontro, pegou minha mão por sobre a mesa e sorriu com cada átomo que tinha dentro de si. Sua ousadia era quase revolucionária. Eu pensei: “Quais são as chances de isso estar acontecendo em todo lugar, o tempo todo?”.

No segundo encontro, você disse: “Eu não ligaria de ficar numa lixeira com você”. Fiquei empolgada com essa ideia.

Depois de prender bem a nenê ao peito, faço o que é esperado nessas situações: pego o telefone e mudo a vida das pessoas para sempre.

— Do que está falando? — pergunta sua mãe. — O que está dizendo?

Eu que sempre tive um medo irracional de morrer. Você, nunca. Você era teimosa demais para ter medo de qualquer coisa. Costumávamos brincar que eu tinha medo da minha própria sombra. Falávamos de morte prematura durante o jantar ou vendo TV, como se fosse uma frente fria se aproximando.

“Não deixe meu pai me vestir com aquele vestido feio de pele de cobra no meu funeral”, eu disse, lutando contra o terror do pânico que me deixava sem ar. “Acho que provavelmente vou acabar morrendo por causa de um coágulo. É, não é nada impossível isso acontecer comigo.”

Se estivesse de bom humor, o que significava que só dois pais tinham ligado para a escola naquele dia, você dava um sorrisinho, balançaria a cabeça e me faria um cafuné. Dizia algo como “Se você morrer, eu te mato” ou “Não vou deixar isso acontecer”. Se estivesse de mau humor, o que significava que outro moleque babaca tinha provocado uma briga ou espalhado um boato sobre

uma “puta” que não quis dormir com ele, você reviraria os olhos, talvez se levantasse e servisse um pouco de vinho.

“É brincadeira”, eu diria, lutando para me recuperar. Um gole silencioso no balcão, uma olhada pela janela e depois de volta para mim. “Você descongelou o frango?”

Você sabia que eu não estava brincando, mas também não imaginava até que ponto eu seria capaz de ir. Toda noite, eu entrava no banheiro e engolia uma aspirina de baixa dosagem para evitar um derrame ou um ataque cardíaco, apesar de ter pressão baixa. A ciência não importava. Eu imaginava o comprimido passando pelo meu sangue e dissolvendo qualquer coisa que ameaçasse nos separar.

O que quero dizer é que nunca me ocorreu que você também fosse mortal.

.

Eu assisto a muitos reality shows nos dias seguintes à sua morte, a nenê alternando entre engolir a mamadeira de fórmula infantil e dormir no troço de balanço (não sei o nome certo daquilo). Será que é assim que é trabalhar na unidade de vigilância do Departamento? Tudo bem que a nossa vida não é filtrada e entregue por editores com pauta dramática... com todo o terror contextual!

Eu lambo o sal dos pretzels e depois dou para a Traquinas enquanto as pessoas na TV reclamam, se lastimam, bebem e magoam umas às outras. Elas mentem, traem, perdem o emprego. É bom sentir pena de pessoas que estão muito melhor que eu.

Parece que a Traquinas acabou de descobrir nossa nova ninhada de uma nenê só. Ela vai na ponta dos pés até a engenhoca balancante da nenê e molha a mão dela com o nariz. Balança a cabeça algumas vezes e limpa o rosto.

Eu me concentro em minhas descobertas recentes: gemas de ovo quebradas agora me fazem chorar, o choro da nenê me faz chorar, a correspondência me faz chorar... quem autorizou as empresas a imprimir o seu nome? Parece que o tempo desacelerou tão dramaticamente que começou a andar para trás. Meu rosto, apesar de rosado e inchado, parece mais jovem do que há anos, como se estivesse aliviado por toda aquela preocupação ser justificada, no fim das contas.

A verdade é que me apavora pensar que o Departamento pode confiscar nossa nenê se suspeitar do menor indício de negligência, mas isso não me impede de me dissociar por horas no chão enquanto a nenê descobre sua nova casa: o moisés. Qualquer chão serve: da cozinha, do quarto, da sala, até do banheiro. Não estou interessada em respostas simples para perguntas simples, tipo: o leite em pó vai atrapalhar as notas dela nos testes padronizados? (Você tinha razão, Beau, fóruns de pais são mesmo enviesados.) E essas notas ruins vão condenar a nenê a uma vida inteira assediando os amigos com convites para esquemas de pirâmide? Essas respostas chegarão no devido tempo. O que me interessa são as perguntas sem resposta: como posso continuar vivendo num mundo sem você, num mundo que odeia a mim e à minha família?

Antes de você, sempre que ouvia a palavra *família* eu imaginava gerações de estranhos amontoados numa sala, disputando um lugar.

- Sai pra lá, não consigo ver a árvore.
- Quais presentes são meus?
- Quando posso ir pra casa?
- Tem sangria neste vinho.
- As festas de fim de ano são deprimentes.

No ensino médio, meu único amigo queer me ensinou a usar a palavra *família* para identificar outra pessoa queer em público, mesmo que não a conhecesse. Quando fiquei mais velha e mais gay, ouvi muita conversa sobre *família escolhida*, mas não entendia

por que algo tão bonito tinha que ser comparado com família. Por que não podia ser só uma coisa boa em si?

.

No seu funeral, na sua cidade natal, a quase cinco mil quilômetros de distância, todo mundo usa camisa de futebol e vira cerveja atrás de cerveja e passa a nenê feito uma batata quente.

— Muita força — dizem pessoas do seu passado, me segurando pelo ombro enquanto tentam evitar olhar para a minha sombra.

Mas não quero ser forte, quero viajar no tempo.

Depois que a sua mãe mal consegue falar lá na frente, de tão emocionada, eu desmaio no banheiro da funerária. Ela me levanta do chão e bota uma cerveja na minha boca.

— Você sabe que ela teria insistido pra você terminar a sua cerveja — justifica.

Antes de a nenê nascer, sua mãe dizia coisas como: “Trouxe o vigésimo pacote de fraldas”, “É bom ensinarem a menina a me chamar de Nonna” e “Mal posso esperar pra ouvir a história de como ela nasceu”. Ela até nos mandou um poema brega chamado “Sou a mãe de uma futura mamãe”. Hoje, ela não se aproxima muito da nossa nenê nem de mim. Toda vez que tento dar a nenê para ela segurar, sua mãe precisa correr para cumprimentar fulano de tal ou trocar a trilha sonora dos slides da sua vida.

A coisa da história do nascimento é um velho hábito dela: toda vez que conhece uma pessoa nova, pede que conte a história de como nasceu. Acredito que ela quer mesmo saber sobre a transição de todos do útero para o mundo, mas também suspeito que morra de vontade de contar a sua história. Dá para perceber o *pergunte*, *pergunte* nos olhos dela.

Você se adiantou, ainda faltavam quatro semanas. Sua mãe não chegou ao hospital a tempo. Ela parou em um mirante na encosta

da montanha, foi para o banco do passageiro e deu à luz enquanto uma família tirava fotos ali perto, fazendo chifrinhos uns nos outros. Ela afirma que você chegou em três minutos cravados, como se fosse uma corrida de qualificação para as Olimpíadas.

— Notou algo diferente? — pergunto na cabana dela, sua antiga casa. Danço com a nenê pela cozinha para que as sombras dela dançam no rosto da sua mãe enquanto ela beberica um coquetel de uísque.

— Você sabe que eu não julgo — ela responde, olhando para a câmera do Departamento na cozinha.

— Tudo bem — respondo, com medo do que aconteceria se a nenê e eu parássemos de dançar, com medo do que trariam os momentos de quietude.

Sua mãe olha para a bebida, correndo o dedo pela borda do copo. A bochecha dela é pelancuda como a de um cão de caça.

Quero que ela erga os olhos e sorria para nós. Quero saber que, apesar da sua morte, ainda somos dela.

Mas ela não ergue os olhos. Em vez disso, se levanta, ainda examinando o copo como se contivesse suas últimas palavras, e leva a bebida para a cama.

— Tem mais cobertores no armário do corredor, se precisar — ela grita, sem se virar.

Dormimos no seu antigo quarto. Parece que a sua versão adolescente ainda mora aqui: luva de beisebol, chuteiras, caneleiras, várias bolas de futebol e pôsteres de atletas. Sua cômoda está cheia de porta-retratos com fotos suas e de sua mãe, abraçadas de qualquer jeito, como se sempre tivessem tido uma à outra.

“Não tivemos muito tempo juntas”, nós dissemos. “Quero ter dezesseis anos de novo com você”, dissemos. “Queremos mesmo trazer uma criança pro caos que é este mundo?” A tirania do presidente Colestein se mostrava cada vez mais, a nova implementação de sombras destruindo as esperanças de recuperação

e reabilitação de todo mundo. Talvez quiséssemos outra pessoa conosco enquanto víamos o mundo pegar fogo.

•

Nós é a maior palavra que eu conheço.

•

Eu adorava falar no telefone. Quando nos conhecemos, te ligava toda vez que estava entre dois lugares: o carro, o trem, o ônibus, tudo virou uma oportunidade de ouvir a sua voz, de reafirmar que você era mesmo real. Agora, cada vez que o telefone toca, eu me sinto pior. No começo, tentei ignorar, mas essa pessoa desconhecida insiste em ligar.

— Alô? — enfim falo, me apoiando no balcão da cozinha.

Longos sons de alguém respirando fundo do outro lado da linha.

— Quem é? — pergunto. Ninguém responde.

Tento deduzir quem pode estar do outro lado. Todo mundo para quem eu ligava agora está me evitando. Ou isso, ou encontraram a religião e estão consultando um poder superior.

— Tudo bem — digo. — Faça como quiser.

Os mesmos sons de alguém respirando fundo, cortados por estática. Estou só um pouco preocupada; estou mais é irritada, surpresa com o quanto quero ouvir a voz de outra pessoa.

— Se vai interromper a minha noite de choro, que pelo menos seja interessante — reclamo.

A pessoa desliga.

Volto a trabalhar exatamente uma semana depois do seu enterro. Digo ao Jackson, meu gerente, que não me sinto pronta para voltar e ele responde que eu nunca vou me sentir pronta, mas tenho que fazer isso de qualquer maneira. Ele acredita em mim, sou forte, posso assumir o controle da minha vida.

— Tem um mindcast pra isso — ele responde do outro lado da linha. — Vou te dar uma cópia... por conta da casa, é claro.

Outra ligação.

A mesma respiração. Desta vez, fico um pouco mais assustada.

Verifico três vezes as trancas das portas e das janelas. Dou o leite da nenê. Minto e digo a ela que fui eu que fiz. Ela gostou? Beijo as mãos e os pés de alienígena dela. Digo que logo você vai estar de volta, que está só pegando umas coisas no mercado.

É verdade: se eu pudesse, trocaria ela por você.

.

Os blogs sobre parentalidade não são lá muito úteis; são escritos por SemSombra para SemSombra. Eles me dizem para viver no agora. Tá. Dizem para fazer escolhas saudáveis. Frutas, verduras orgânicas, grãos integrais, como se eu conseguisse pôr a mão nessas coisas. Com muita sorte, consigo achar uma bandeja de ovos frescos no dia designado para nós no mercado. Os blogs me dizem para me concentrar em mim e na minha família. *A jornada de cada família é diferente, evite fazer comparações.* Eles não falam nada sobre a ausência de família.

“Quero ser caseira com você”, você disse na primeira vez que a convidei para conhecer minha casa. Eu tinha um único garfo e estava tão nervosa que não me atrevi a comer. Em vez disso, organizei minha estante e observei você se sentir em casa. “Não perde meu garfo”, ameacei.

.

Sempre que sinto que vou perder o controle, recito todas as criaturas com exoesqueleto que consigo lembrar.

— Gafanhoto, barata, caranguejo, lagosta, caracol, marisco, quíton, aranha, formiga, escorpião, camarão, ninfa de libélula, cigarra, borboleta, mariposa — digo para a nenê enquanto coloco nela a fralda invertida. Fico de olho nas câmeras do Departamento, o terceiro, quarto e quinto membros da nossa família. — Parece que somos minoria — sussurro no ouvido da nenê.

Mais tarde, ela faz cocô tão alto que acorda da soneca. Ela fica inconsolável, mas resolvo esperar. Sinto que ainda vem mais.

— Encaminhei suas reclamações pro departamento de atendimento ao cliente. Eles vão entrar em contato em dois ou três minutos úteis — digo.

Mas esses dois ou três minutos são um erro. Ela fica com cocô até o pescoço.

.

Estamos na loja de bebidas comparando rótulos de vinho. Uma de nós está usando os novos pulmões a todo volume. O caixa me olha torto, mas ignora. A nenê gosta do rótulo com o golden retriever; eu gosto do que tem o rosto abstrato que parece mudar cada vez que olho para ele. Os rótulos de vinho me lembram de você, de como as pessoas ficavam intimidadas com você e sua falta de rodeios até pararem e a analisarem sob outro ângulo, entendendo que era dura e terna, adorável e desagradável. Algumas pessoas levavam um ou dois encontros, outras nunca aprendiam. “Eu conheço essa pessoa há cinco anos”, você costumava dizer. “A essa altura, não é mais problema meu.”

A nenê de repente para de gritar. Os olhos dela se concentram, ou melhor, tentam se concentrar, mas acabam cruzando com algo atrás de mim. Eu me viro, e é você. Você está comprando um fardo da nossa cerveja *cream ale* favorita. Está usando a legging de treino cinza, aquela que inspira uma palma-da cada vez que você as veste. Seu cabelo loiro está preso num coque alto. Acompanhamos você pelos corredores até o caixa.

Esquecemos o carro, os nossos corpos no espaço e seguimos você rua abaixo e pelo meio da multidão na porta da escola. Passamos pela quadra de basquete, pela biblioteca, pelo beco onde você e eu caminhamos uma vez, de mãos dadas, fingindo que não tínhamos um relacionamento com outra pessoa. Quase querendo que alguém nos visse, que explodisse nossa vida para que nós mesmas não precisássemos fazer isso. Seguimos você até a estação de trem, onde a observamos esperar na fila, batendo a mão na lateral da coxa, ficando na ponta dos pés para ver por que estava demorando tanto. Enfim você chega ao guichê e compra uma passagem. E aí você entra no trem e nos deixa, Beau. Eu olho da nenê para o trem, e de volta para a nenê. Não entendemos por que você fez isso. Não faz nenhum sentido.

Responda rápido:

P: O que você sabe sobre distância?

R: Eu sei que sinto a distância em todo lugar.

“Você vai ficar bem?”, perguntaram no hospital. Troquei um *sim* pela nenê.

Você mal podia esperar para ser mãe. Tinha grandes planos e, por extensão, eu também. Mas eles nunca foram meus de verdade, não é mesmo? Sempre me considerei egoísta demais para ter filhos, ciumenta demais para dividir você com alguém. Eu adorava crianças, tinha jeito com elas, desde que fossem de outra pessoa. No trabalho, antes de ser demitida por causa da sombra extra, organizei sessões de terapia em grupo para as crianças problemáticas da escola. Nós escrevíamos músicas e poemas, e as crianças às vezes esqueciam que deveriam odiar a

terapia em grupo. Eu não gostava da palavra *problemática*, mas era essa a palavra que a escola atribuía a qualquer criança com um mínimo de personalidade.

Em reuniões sociais, você sempre gravitava em torno dos bebês, rindo, beijando e jogando as crianças para cima. Toda vez que você e eu nos encontrávamos, mesmo que fosse só para voltar para casa depois do trabalho, lá no fundo eu esperava que você mostrasse um entusiasmo parecido quando me visse. O que eu não estava percebendo? Eu não conseguia entender o que tinham de tão empolgante. Fazia o que podia para me misturar aos outros adultos, abria uma cerveja, concordava em silêncio com o que diziam.

Os gritos da nenê entraram no meu cérebro e encontraram um bom lugar para morar. Se estivesse aqui, você riria e diria: “É assim mesmo. Minha mãe diz que eu gritei por três anos seguidos”.

Mando uma mensagem para sua mãe: “Parece que ter pulmões bons é uma coisa genética”.

Ela responde algumas horas depois: “Haha. Bom para mandar as pessoas se foderem”.

A Traquinas entra na gritaria. Ela joga a tigela em mim; escala a porta de tela; aprende do jeito mais difícil que suas garras funcionam bem até demais; fica presa em uma posição comprometedora.

Ah, não, uma batida na porta. Depois de tirar a Traquinas da tela, abro o pacote que Jackson enviou. Uma cesta cheia de frutas, um pote de geleia de morango, um mindcast. Quando me curvo para pegar a cesta, meus seios saem do seu roupão – que já perdeu o cheiro de Beau – e percebo que já não me lembro quando foi a última vez que usei roupas de verdade. Volto para dentro e faço torradas do jeito que você gostava: pretas, de tão queimadas, e transbordando de geleia. Eu tenho essa ideia de que a torrada vai trazer você de alguma forma, mas não traz.

A torrada está tão ruim, Beau. Tem gosto de pneu.

•

De acordo com a mulher no mindcast, nosso corpo é feito de luz roxa, vermelha e azul que podemos aproveitar e transformar em qualquer coisa que quisermos, então por que diacho escolheríamos a tristeza? Medo? Ressentimento? Ouço esse mindcast vezes até demais antes de tentar vendê-lo para alguma outra pessoa vulnerável. Depois, ela vai me dizer que, se eu continuar ignorando a minha luz, meus órgãos vão acabar pifando. Eu queria que tivessem consultado pelo menos um médico durante a produção desse troço.

Hoje, passei algum tempo fazendo compras online. Demoro mais do que deveria para lembrar que “por cima” e “por baixo” também podem se referir a roupas. Depois de pensar um pouco, esbanjo e peço dez frascos da sua colônia favorita, e então borriço seu roupão, a cama, as toalhas, tudo.

Quando você conseguiu o emprego como professora, espiei sua apólice de seguro de vida e comentei: “Nada mal”, com um sorrisinho. “Nunca mais vou deixar você fazer meu café de manhã”, você respondeu. Lembro que me senti insultada de leve por você achar que eu usaria algo tão impessoal quanto veneno.

•

Depois de três semanas de espera, recebi suas cinzas. Coloquei na minha mesa e olhei para elas por horas enquanto segurava a nenê, sustentando a parte de trás da cabeça dela como uma bola de beisebol. Estou convencida de que o plano secreto da nenê é quebrar aquele pescocinho fraco dela quando eu não estiver olhando. Ela vai fazer todo um espetáculo, vai até espalhar panfletos pela vizinhança para convidar estranhos a vir assistir.

Será que a nenê consegue sentir o cheiro de impostora em mim? Se consegue, não parece se importar. Ela enfim dorme profundamente em meus braços, com um sorriso para mostrar que está bem, pelo menos por enquanto. Quanto à segunda sombra dela... obscurece a sua urna. Eu dou uns belos chutes, mas ela nem liga.

Desde que as pessoas passaram a ter corpo, elas têm sombra. Acho que isso deve significar alguma coisa, mas não sei bem o quê. Uma pesquisa rápida na internet revela o folclore em torno das sombras. Os povos antigos de um desses impérios obcecados pela violência acreditavam que as sombras os protegiam e que as forças do mal temiam o poder intocável delas.

Claro, sombras não existem sem uma fonte de luz. E a presença de duas sombras implica duas fontes de luz. Quem, então, é meu maior inimigo: o sol ou o Estado?

Responda rápido:

P: Do que é feita uma Sombração?

R: Duas partes de medo, uma parte de ilusão, três partes de manipulação. Tempere bem com o embuste chamado *promessa*. Leve ao fogo baixo, tão baixo que quase ninguém percebe que está aceso, mexendo sempre.

Quando pesquisadores paranormais começaram a investigar sombras, centenas de anos atrás, aconteceram umas coisas estranhas. Todos relataram ter sido visitados em sonho pelas próprias sombras, que os pressionaram a parar com o experimento. Se não parassem, correriam o risco de perturbar o equilíbrio entre o mundo das sombras e o nosso.

— Como ela é? — você pergunta na minha imaginação. — Não consigo ver, então me conte, Kris. Quem é a nossa filha? Ela é perfeita?

— Ainda não conheço ela muito bem — respondo para a sua urna. — Mas algo me diz que, se eu pedisse com jeitinho, ela concordaria em cantar comigo no karaokê.

Meu nome de usuário: novapessoal234

Minhas perguntas para o fórum:

Qual é o máximo de tempo que a nenê deve ficar de bruços?

E se a nenê odiar ficar enroladinha na manta?

Como faço para vestir a nenê sem deslocar um braço ou uma perna?

E se a mamadeira ficar muito quente? Ou muito fria?

Não seria melhor a mamadeira ficar muito fria do que muito quente?

O que a nenê está fazendo com a língua?

Eu deveria conseguir ver todo o sangue dentro dela?

.

A meio quarteirão de distância, levanto a nenê e mostro o oceano para ela enquanto um Sombração faz xixi lá no penhasco. Acho que é gostoso sentar e olhar para a água, desde que eu não peça nada.

— É assim que as ondas funcionam: elas se acumulam, como um grito, e depois quebram — explico para a nenê, desgrudando a camisa encharcada de suor da minha pele. Os noticiários têm insistido que não estamos passando por uma onda de calor perpétua, estamos só imaginando coisas. — Está olhando? — pergunto. Golfinhos dançam e se entrelaçam sob as ondas. Invejo a liberdade deles, como só precisam mergulhar mais fundo para fazer suas sombras desaparecerem.

Os olhos da nenê estão fechados, e eu gosto que ela não esteja olhando. Gosto de já não poder dizer a ela o que fazer. O Sombração está fazendo xixi logo acima de onde você e eu nos encontrávamos em segredo quando pertencíamos a outras pessoas. Agora, nosso cantinho especial está quase debaixo d'água.

À noite, enquanto estava com a sua namorada, você me mandava uma mensagem dizendo que estava enviando e-mails de trabalho. Isso significava que eu podia esperar um e-mail seu. “Eu” e “amo” e “você”, diziam os e-mails. Quando nos casamos, você se sentava no sofá e enviava e-mails de trabalho de verdade enquanto eu atualizava minha caixa de entrada ao seu lado, esperando que o passado se encontrasse com o presente. Eu não sabia o que fazer com toda aquela magia perdida.

Cada pedacinho chato da vida doméstica, as compras de supermercado, os afazeres e tarefas intermináveis, as acusações – “Onde você colocou minha...?” – esses momentos compunham nossa vida, e eu desejava que eles sumissem. Eu não entendia a ternura de deitar na cama com você depois de um dia difícil. De puxar o edredom e deitar ao seu lado. De cair em um sonho antes do beijo de boa noite, mas sabendo que o beijo ainda estava ali, pairando entre nós.

De volta ao apartamento, esqueci o que estava fazendo e sem querer tirei uma travessa do forno com as mãos desprotegidas.

— Então, tem alguma coisa que você queira saber sobre mim antes que a gente se envolva demais? — pergunto para a nenê, apertando uma bolsa de gelo entre as mãos. A dor é mais que boa. — O importante agora é que não tenho mais impressões digitais.

Nenhuma resposta.

— Quer que eu cometa algum crime em seu nome? — pergunto, mas ela nunca pensou no assunto.

Se eu tivesse que escolher, diria que o momento entre quando você decidiu me beijar e quando nós realmente nos beijamos é onde desejo viver para sempre. Dentro da minha expectativa, morrendo de vontade de receber você.

Descubro que a moderação sinalizou uma das minhas publicações sobre a nenê como “motivo de preocupação”. Cubro a tela

do computador com post-its e digito algo que eu espero que diga: “Por que você acha que estou aqui?”.

.

Outra ligação. Mais respiração. Desta vez, uma leve tosse, seguida por algumas fungadas. A conexão é ruim, cheia de estática.

— Eu perguntaria se posso ajudar em alguma coisa, mas não estou em posição de ajudar ninguém no momento.

A nenê já está presa em mim, mas eu a puxo para mais perto, desejando que meu peito se abra para ela entrar. Apago todas as luzes do apartamento, como se a escuridão pudesse nos proteger.

— Eu... — diz uma voz masculina. E então ele desliga. Reconheço a voz, mas resisto em associar um nome a ela. Associar um nome significaria ter que confrontar esse nome e a pessoa ligada a ele.

— Camarão, lagosta, caranguejo — sussurro repetidas vezes.

.

Quando eu era pequena, costumava cobrir a cabeça com meu cobertorzinho de bebê e fingir que era um abajur. Fazia isso toda vez que meus pais me davam bronca por dormir na aula ou bater boca com a professora. Quando cheguei da escola, meus pais pediram que eu me sentasse. “Não quero ser um dos humanos”, eu disse cantandinho debaixo do meu refúgio. Através do cobertorzinho rosa, eu conseguia ver os vultos dos meus pais balançando a cabeça em silêncio. “Eu só quero ser a luz para os humanos.”

.

Enquanto a nenê tira uma soneca de uma horinha, eu tiro um tempo para mim. Cubro a câmera do quarto com uma camiseta

e me masturbo até perder a sensibilidade no clitóris e nas pernas. Uso nosso vibrador, já que todos os meus dedos estão enfaixados. Fecho os olhos e finjo que é você me tocando. Sinto falta da sua pele, do seu coração, do seu ritmo. Quando você me come, aqui, nessa fantasia, é com tanta força que eu esqueço temporariamente a tristeza do meu corpo. Sinto você na minha pelve, na minha coluna, na minha barriga. Sinto você no meu desejo desenterrado à força, na minha fome de libertação. Mas esse prazer, que se acumula até um breve esquecimento, não pode durar.

Momentos depois, os funcionários do Departamento entram sem a menor cerimônia e me encontram em minha foda solitária em meio às lágrimas. Não me dou ao trabalho de me cobrir. No começo, acho que vão me dar outra sombra.

— Você conhece as regras — dizem. — Não pode cobrir as câmeras, seja qual for o motivo.

— Eu sei.

A nenê exercita os pulmões no outro quarto. Eles imprimem uma multa por descumprir as regras: quinhentos dólares.

— Na próxima vez não seremos tão bonzinhos — diz o homem magricela, lambendo os lábios e colocando a multa no meu peito, a mão no meu seio por alguns segundos antes de se afastar.

A fotografia da casa abandonada, que tem uma chave de cobre presa na fechadura, ainda está pendurada acima da nossa cama. Ou é minha cama agora? Quando comprou a foto para mim, você disse que era um lembrete de que sempre estaria aqui, mesmo que parecesse que tinha ido embora. Isso foi durante nosso caso, quando passei dias preocupada achando que tinha inventado seu rosto. Sei que você deve ter sentido o mesmo por mim, porque uma vez me enviou três e-mails seguidos. E aí você criou uma regra: chega de e-mails por hoje. Depois enviou mais um, com o assunto “Desculpa do pelicano”.

Querida K,

Estou na praia observando os pelicanos. Imagino nós duas como personagens pelicanos. Eu seria o que fica mergulhando sem parar, em parte porque é divertido, em parte para pegar o melhor peixe. Você é o que fica ali sentado, flutuando, observando todos os outros, esperando que eu leve uns peixes pra você.

Quebrei minha regra, mas por um bom motivo.

Chave na fechadura,

B

Você comentou que o fotógrafo pareceu perplexo quando você escolheu aquela impressão. Aparentemente, ele estava tentando vender há dez anos. Não entendia por que ninguém a queria; disse que era a melhor foto que já havia tirado.

Depois que os homens vão embora, alimento a nenê, coloco-a no chão e tento recomeçar o que tinha parado, mas não consigo. Parece que estou em um tanque de privação sensorial. Quando enfim desisto, ouço o som mecânico da câmera do Departamento se movendo acima de mim. Sem olhar para cima, ergo o braço e lentamente levanto o dedo do meio. Não faço ideia de quem está lá do outro lado me observando, mas quero que saiba que sou uma pessoa com pensamentos e sentimentos e, como uma pessoa com pensamentos e sentimentos, não vou deixá-los foder comigo ou com a minha filha.

Agora, tento encontrar o cartão de visita daquele fotógrafo. Quero perguntar se ele já vendeu uma segunda impressão daquela imagem, mas não consigo encontrar o cartão em lugar nenhum. Por algum motivo, me pego pensando que deve estar preso dentro da casa abandonada.

Toda noite, vou para a cama e deixo o braço por cima da barriga, fazendo de conta que é a sua. Fecho os olhos e, quando enfim os abro, não me transformei em pelicano.

.

Uma vez por mês, você colocava o avental – só o avental – e assava uma travessa de petiscos em forma de peixe para a Traquinas. Agora, os dias são todos uma coisa só e às vezes esqueço onde estou e acabo comendo os petiscos caseiros da gata. A Traquinas olha para mim e para meus lábios cheios de migalhas com um olhar assassino.

Durante o dia, ela cochila enrolada no seu travesseiro. À noite, grita até eu abrir a janela do quarto para ela sair. Uma nova rebelião. Deixo-a se sentir intoxicada pela recém-descoberta independência por alguns minutos antes de me levantar para buscá-la no gramado da vizinha. Ela crava as garras na carne do meu ombro. Seus gritos de “Socorro, me ajudem” podem ser ouvidos mundo afora.

— Tudo bem... Você quer ser uma gata livre, é isso? — pergunto. A Traquinas lambe a pata, depois limpa o rosto. — Quem sou eu pra atrapalhar sua felicidade?

Abro a porta da frente e saio para o pátio. Ela tenta decidir se isso é uma armadilha ou não, depois desliza porta afora em direção à luz. Coloco tigelas de água e comida do lado de fora da porta. Aponto para elas com meus dedos humanos, depois com a pata dianteira dela.

— Você sempre pode voltar pra casa — digo. — Serviço de comida grátis. Use o miado como campainha. — Mas a Traquinas já saltou para um muro próximo e caminhou por ele até o beco.

A Traquinas volta mais tarde naquela noite para comer. Faço carinho nas costas dela e acaricio o rosto dela com o meu. Depois ela sai para explorar o mundo e nunca mais volta para casa.

Colo cartazes de desaparecida em postes e placas de pare pelo bairro todo, com a foto mais bonita da Traquinas, o focinho esguio e misterioso, a pinta de Marilyn Monroe bem à vista.

Quando minha mãe nos deixou, a polícia disse que eu não deveria pendurar cartazes porque eles podem ser enganosos. “Por quê?”, perguntei. No fim das contas, ela estava por aí, bebendo martinis e tocando a vida. Isso não impediu meu pai de ligar para ela dez vezes por dia. “Não se desiste da família”, ele me disse. Eu não estava amarga por ele estar procurando por ela; estava amarga por ele estar soando como uma mensagem de cartão barato. Ele acreditava mesmo em alguma daquelas coisas? E eu? Acredito?

.

— Tem que existir um jeito melhor de acompanhar a passagem do tempo — digo para a carteira, que sorri, educada, e me entrega a correspondência. Estou usando seu roupão e seus chinelos. Acho que é mais ou menos a hora em que as pessoas arrumam justificativas para beber.

Está tão claro que sinto uma dor de cabeça imediata entre os olhos. Que lugar terrível para Sombrações morarem. O sol está sempre brilhando, as pessoas estão sempre fora de casa, as palmeiras proporcionam pouca sombra. Penso nos passeios matinais da sua mãe, nas folhas de outono estalando sob os pés dela. Lá, pelo menos, ela consegue sentir a passagem do tempo.

— Tem os calendários — a carteira sugere.

— Que foi, você está de conluio com meu chefe? — pergunto. Ela me olha de soslaio e estala o pescoço.

— Querida, tem uma mancha marrom no seu rosto — diz. — Talvez a mancha tenha algo a ver com tudo isso.

Enfio a correspondência na frente do roupão, no que acho que será uma atitude memorável, mas cai tudo por baixo, espalhando-se pela calçada. O vento rouba o que tenho certeza de que é um convite para uma festa luxuosa. Uma abelha zumbe perto do rosto da carteira. Eu também não teria medo se tivesse um exoesqueleto.

Amanhã, decido, será melhor. Amanhã, vou me recuperar de hoje.

.

Nunca sinto que sei viver no mundo. Só fico em cima dele, me segurando, enquanto ele gira loucamente.

.

Nunca pensei que este país fosse ficar tão ruim assim. Na minha inocência, achei que houvesse limites para a crueldade. Ou talvez a depressão tenha me deixado egoísta; eu me concentrei demais nos meus próprios problemas. Mas você era uma cética bem informada e questionava tudo. Você não confiava na tecnologia. Só pagava em dinheiro, enquanto o resto de nós enviava e recebia dinheiro num clique de botão. “Não quero que ninguém saiba o que estou fazendo”, você dizia. Tinha a mesma atitude em relação às redes sociais. Todas as suas contas eram privadas, você nunca publicava mais de uma vez por mês. Nas raras ocasiões em que publicava uma foto nossa, a legenda era sempre clínica e enigmática: “Um momento muito bom”. Sempre que lia uma dessas legendas, eu me convencia de que você estava escondendo a papelada do divórcio em algum lugar.

A parte difícil de aprender a lidar com meus delírios era o desconhecimento, o desaprendizado que nunca ocorria de verdade. Tentei intervenções em mim mesma. As que aprendi na pós-graduação. Teste de realidade é a capacidade de avaliar uma situação pelo que é, e não pela maneira como tememos que seja. “Seja objetiva”, diziam nossos livros. “Observe erros no pensamento. Pense, *depois* reaja.”

Meu cérebro nunca ajudou muito: “Divórcio é caro, ela provavelmente preferiria fingir a própria morte”.

Após sua morte real, meu cérebro continuou a me atacar de formas novas e empolgantes.